

Vivências Subjetivas de Microempreendedores Individuais: Uma Revisão Sistemática à Luz da Psicodinâmica do Trabalho

AISLANE RODRIGUES DE SOUSA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ (IFCE)

PRISCILA PORTELA DE AZEVEDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

DANIELE RODRIGUES DAMASCENO

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTA - UNINTA

GILSEANE URQUIZA DE CARVALHO

UNIVERSIDADE DO VALE DO ACARAÚ - UVA

PAULO HENRIQUE DA PONTE PORTELA

VIVÊNCIAS SUBJETIVAS DE MICROEMPREENDEDORES INDIVIDUAIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

INTRODUÇÃO

O Micro empreendedorismo tem sido objeto de investigação em distintas áreas do conhecimento, como Administração, Economia, Sociologia e Educação (Martins et al, 2020). Contudo, a maior parte das produções acadêmicas concentra-se em aspectos jurídicos, fiscais, administrativos ou de gestão (Oliveira; Melo, 2024; Borba et al., 2020; Silva; Andrade, 2021; Wissmann, 2021; Martins et al., 2020), tornando-se necessário ampliar o olhar para os efeitos psicossociais que emergem dessa experiência laboral.

Embora essa modalidade de trabalho seja frequentemente celebrada por seu potencial de promover autonomia e geração de renda, impõe aos trabalhadores uma série de desafios que extrapolam as dimensões econômicas e organizacionais associadas à figura do MEI, destacando-se a contradição entre a promessa de liberdade e a realidade de precariedade. De um lado, há a valorização simbólica do espírito empreendedor, de outro, sobressaem as longas jornadas, a insegurança jurídica, a escassez de apoio institucional e a ausência de direitos trabalhistas básicos (Han; Wang, 2022; Medina-Zárate, 2018; Secco; Kovaleski, 2022). Tais condições produzem implicações significativas para a saúde mental, sobretudo quando se consideram os efeitos do reconhecimento, ou da sua ausência, e das estratégias defensivas diante das adversidades do trabalho, elementos centrais da Psicodinâmica do Trabalho.

Ao abordar as vivências dos Microempreendedores Individuais (MEI) sob a ótica da PDT, pretende-se lançar luz sobre as dimensões subjetivas do MEI, ultrapassando os tradicionais enfoques centrados em oportunidade, necessidade, saúde ou precarização. Com base nisso, formula-se a seguinte questão-problema: Quais são as principais evidências científicas disponíveis sobre as vivências subjetivas de microempreendedores individuais, formais e informais, à luz da Psicodinâmica do Trabalho?

A partir dessa abordagem, torna-se possível adotar uma perspectiva distinta daquela que caracteriza a organização tradicional do trabalho. No caso dos MEIs, identificam-se fatores como a ausência de divisão de tarefas, a inexistência de prescrições por parte de superiores, o isolamento profissional e a conseqüente sobrecarga de responsabilidades, além da ausência de relações sociais com colegas e de cooperação. No entanto, também se observa a possibilidade de mobilizar a inteligência prática, criar estratégias, produtos e soluções com relativa liberdade e autonomia (Han; Wang, 2023). Desse modo, abre-se um caminho para compreender a dinâmica subjetiva do trabalho do empreendedor individual, situada entre o desejo de autonomia e as vivências de precariedade.

Diante disso, este estudo tem como objetivo principal analisar as evidências científicas disponíveis sobre as vivências subjetivas de microempreendedores individuais, formais e informais, à luz da Psicodinâmica do Trabalho. Tal análise mostra-se relevante frente à crescente difusão de discursos neoliberais que enaltecem a resiliência individual, ao mesmo tempo em que silenciam as contradições estruturais que permeiam o cotidiano desses trabalhadores (Secco; Kovaleski, 2022), além de permitir a identificação de lacunas teóricas e a proposição de novas agendas de pesquisa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Instituído pela Lei Complementar nº 128/2008, o Microempreendedor Individual (MEI) configura-se como uma modalidade jurídica de formalização do trabalho por conta própria,

oferecendo garantias mínimas de proteção social, jurídica, fiscal e previdenciária (Borba et al., 2020; Guimarães; Garcia, 2019; Martins et al., 2020). A formalização do trabalho autônomo por meio do MEI tem se consolidado como uma alternativa frente ao desemprego estrutural e à informalidade persistente, além de representar uma estratégia de inclusão produtiva. No Brasil, observa-se um crescimento contínuo no número de adesões a essa figura jurídica, atingindo 14,8 milhões de trabalhadores até o final de 2022 (Fernandes, 2024; Silva; Andrade, 2021; Wissmann, 2021).

A heterogeneidade que caracteriza os microempreendedores individuais revela que essa categoria não se restringe à figura do empresário tradicional, mas engloba também trabalhadores em condições de precariedade, muitas vezes reforçadas pela própria legislação que regula o MEI. Nesse cenário, a configuração jurídica do microempreendedor individual no Brasil apresenta traços de ambiguidade, exigindo uma análise crítica à luz das transformações impostas pelo modelo de acumulação flexível. Nele, a responsabilidade pelo emprego e pela seguridade social é deslocada do Estado para o indivíduo, promovendo a autogestão como ideal de liberdade econômica. O sujeito, nesse contexto, é impelido a administrar sua própria força de trabalho como uma mercadoria (Barbosa; Moreira, 2024).

Diante desse panorama, o presente estudo propõe-se a examinar produções científicas anteriores que tenham investigado o empreendedorismo individual à luz da Psicodinâmica do Trabalho (PDT). Desenvolvida por Christophe Dejours, a PDT parte do pressuposto de que o trabalho constitui um operador central na construção da subjetividade (Deranty; Dejours, 2010). Para além de sua dimensão produtiva, o trabalho é concebido como espaço de mediação entre o sujeito e o mundo, sendo capaz de gerar vivências tanto de prazer quanto de sofrimento (Dejours; Abdoucheli; Jayet, 1994).

Mais do que uma disciplina clínica voltada à saúde mental, a PDT configura-se como uma teoria social crítica centrada na análise das causas do sofrimento psíquico e das patologias geradas pelas relações laborais, bem como das experiências de prazer e saúde derivadas do trabalho (Dejours, 1993, 1997, 2018). Entre seus principais constructos teóricos, destacam-se as dimensões de conteúdo e de contexto do trabalho. A dimensão de conteúdo abarca os conceitos fundamentais da teoria, como sofrimento, prazer, reconhecimento e identidade, enquanto a dimensão de contexto refere-se ao ambiente, à organização e às relações nas quais o trabalho se realiza (Ferreira; Mendes, 2008).

O sofrimento no trabalho, segundo essa abordagem, emerge das tensões entre o trabalho prescrito e o trabalho real, ou seja, entre as exigências objetivas da atividade e os limites psíquicos e sociais do trabalhador (Deranty; Dejours, 2010). Entre os conceitos centrais da PDT está o reconhecimento, entendido como elemento essencial para a sublimação do sofrimento em prazer, para a constituição da identidade profissional e para a manutenção da saúde psíquica. Esse reconhecimento resulta dos julgamentos emitidos pelos pares e pelos superiores hierárquicos (Dejours, 1993). Na perspectiva da PDT, ele é considerado a principal via de mediação entre sofrimento e prazer (Dejours, 2014). Essa dinâmica se estrutura a partir de dois tipos de juízo: o estético, realizado pelos pares, que valoriza o estilo, a criatividade e a originalidade com que o trabalhador executa suas tarefas; e o de utilidade, emitido pelos superiores, que avalia a relevância social, econômica e técnica da atividade desenvolvida (Lancman; Uchida, 2003).

Outro conceito fundamental na PDT é a cooperação (Dejours, 2023), compreendida como uma construção intersubjetiva de soluções frente aos desafios impostos pelo trabalho real. Essa cooperação ocorre entre sujeitos que compartilham uma mesma realidade de trabalho, tanto na dimensão funcional quanto na simbólica. A cooperação pressupõe a existência de confiança, escuta e validação mútua entre os membros do coletivo. Quando esses elementos são bloqueados, tende a emergir o isolamento do trabalhador, o que compromete sua capacidade de enfrentar o sofrimento psíquico gerado pela atividade laborativa.

Em síntese, a Psicodinâmica do Trabalho oferece um referencial teórico robusto para compreender os efeitos subjetivos do trabalho em diferentes contextos laborais, inclusive naqueles marcados pela precarização, invisibilidade e informalidade, como é o caso dos microempreendedores individuais (Lancman; Uchida, 2003; Araújo; Freitas, 2021). Nessas circunstâncias, as possibilidades de sublimação, reconhecimento e cooperação encontram-se frequentemente fragilizadas, o que tende a intensificar vivências de sofrimento ético e solitário ainda que, mesmo em contextos adversos, o trabalho possa representar uma fonte de prazer por meio do uso da inteligência, da criatividade e da afirmação da identidade do trabalhador.

METODOLOGIA

Este estudo propõe a realização de uma Revisão Sistemática da Literatura que permite o mapeamento das publicações existentes em um campo específico, com o objetivo de responder uma questão previamente formulada (Ercole et al., 2014). A presente revisão tem como objetivo analisar as evidências científicas disponíveis sobre as vivências subjetivas dos Empreendedores Individuais à luz da Psicodinâmica do Trabalho. Para o alcance deste objetivo, o protocolo metodológico adotado baseia-se nos procedimentos descritos por Galvão, Sawada e Trevizan (2004), e compreende as etapas de definição da pergunta de pesquisa, estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão, delineamento da estratégia de busca, critérios de avaliação crítica dos estudos selecionados, coleta e sistematização dos dados.

O processo foi conduzido em duas fases principais: inicialmente, a seleção preliminar das publicações e, posteriormente, a análise crítica do material incluído. Inicialmente, realizou-se uma busca, entre os meses de maio e junho de 2025, nas bases Web of Science e Scopus. Utilizou-se a funcionalidade de busca avançada, aplicando-se os operadores booleanos AND e OR, com as seguintes palavras-chave: *“psychodynamics of work”*, *“work psychodynamics”*, *“self-employment”*, *“iformal entrepreneurship”*, e *“micro-entrepreneur”*. A pesquisa restringiu-se ao tipo de material Artigos, sem delimitação temporal ou de idioma, nesta fase, foram identificadas 1 publicação na base Scopus e 332 na Web of Science. Os dados coletados foram tratados com auxílio do software R 4.1, o que possibilitou a organização e consolidação da base inicial de 333 publicações.

Em seguida, procedeu-se à leitura dos resumos para verificar a aderência dos estudos aos critérios de inclusão: estudos empíricos ou teóricos; utilização explícita da Psicodinâmica do Trabalho de Christophe Dejours como referencial teórico; abordagem sobre microempreendedorismo individual e/ou vivências subjetivas de trabalhadores autônomos, formais ou informais. Contudo, nessa fase observou-se a ausência de publicações que relacionassem diretamente os dois eixos centrais (Micro) empreendedorismo individual e Psicodinâmica do trabalho. Diante disso, reformulou-se a estratégia de inclusão, de modo a aceitar publicações que abordassem direta ou indiretamente a vivência de trabalhadores autônomos e/ou empreendedores individuais. Essa filtragem resultou na seleção de apenas 10 artigos pertinentes ao escopo da investigação.

Visando aprimorar e fortalecer a robustez da amostra, decidiu-se realizar uma reestruturação das estratégias de busca, ampliando os descritores com o uso de sinônimos e termos relacionados. Neste momento, utilizamos o chat GPT 4o, que pode ser utilizado satisfatoriamente na identificação de conceitos-chave e possíveis variáveis (Maculan, et. al, 2023). A string de busca aplicada foi: ``TS=("work psychodynamics" OR "psychodynamics of work" OR "work-related psychodynamics") AND TS=("self-employed" OR "individual micro-entrepreneur" OR "self-entrepreneurship" OR "micro-entrepreneurship" OR "informal entrepreneurship" OR "formal entrepreneurship" OR "informal self-employment" OR "formal self-employment")``. Optou-se por restringir as buscas à base Web of Science, visto que a Scopus apresentou número de publicações insuficiente, foram recuperadas 4.019 publicações na Web

of Science. Posteriormente, após aplicados os filtros: tipo de documento (artigos), idiomas (português, espanhol, inglês, francês) e áreas temáticas (Business & Economics, Psychology, Public Administration, Social Work, Sociology, Women's Studies, Public Environmental and Occupational Health), o que resultou em uma base de 145 artigos.

A base foi novamente tratada com o auxílio do *software* RStudio 4.1 para organização da base de dados. Em seguida, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, aplicando-se os seguintes critérios de inclusão: os artigos deveriam abordar temas relacionados ao empreendedorismo individual ou trabalho autônomo, pois, percebeu-se que na primeira busca, havia artigos que tratavam o trabalho autônomo de forma ampla incluindo os empreendedores individuais informais no mesmo contexto de trabalho. Além da presença de discussões sobre condições de trabalho, organização do trabalho, relações de trabalho, prazer, sofrimento, estratégias de defesa, identidade, reconhecimento, saúde mental ou bem-estar. 5 publicações foram excluídas por falta de acesso. Após a triagem final, obteve-se um conjunto de 16 publicações (Quadro 1). Realizou-se uma análise de conteúdo (Bardin, 2016; Franco, 2008), o que permitiu a identificação de eixos teóricos, bem como a delimitação de lacunas epistemológicas e oportunidades emergentes de pesquisa sobre a subjetividade dos MEIs à luz da Psicodinâmica do Trabalho.

Quadro 1: Publicações selecionadas para a análise

AUTOR	ANO	TÍTULO	MÉTODO
Benavides, FG; Wesseling, C; Delclos, GL; Felknor, S; Pinilla, J; Rodrigo, F	2014	Condições de trabalho e saúde na América Central: um inquérito a 12.024 trabalhadores em seis países	Quantitativo
Khan, TH; MacEachen, E; Premji, S; Neiterman, E	2023	Trabalho autônomo, doença e o sistema de seguridade social: um estudo qualitativo das experiências de trabalhadores autônomos em Ontário, Canadá	Qualitativo
Dawson H.	2021	Fazendo planos através de pessoas: a implantação social do empreendedorismo informal na África do Sul urbana	Qualitativo
van Niekerk, L; Claassens, N; Fish, J; Foiret, C; Franckeiss, J; Thesnaar, L	2024	Fatores de apoio que contribuem para o sucesso de empresas iniciantes por jovens empreendedores na África do Sul	Qualitativo
Medina-Zárate, J	2018	Entre o trabalho formal e o informal: empreendedorismo na Colômbia	Qualitativo
Secco, AC; Kovaleski, DF	2022	O empreendedor de si mesmo à medicalização da performance: reflexões sobre a flexibilização no mundo do trabalho	Qualitativo
Maciel M; Paiva L; Araujo ; Rafaela D A R; Del T	2023	Trabalho "cinco estrelas"? organização e condições de trabalho de entregadores por aplicativos	Qualitativo
Eveland T; MacLennan H	2019	Um microempreendedor na economia gig: estudo de caso e implicações para o ensino superior	Qualitativo
Han, YZ; Wang, JY	2023	Autonomia ou Condições de Trabalho? Pesquisa sobre Heterogeneidade e Mecanismo de Influência do Trabalho Autônomo na Satisfação no Trabalho na China	Quantitativo
Veen, A., Baratt, T., & Goods, C.	2020	Plataforma-Capital's 'Appetite' por Controle: Uma análise do processo de trabalho de entrega de alimentos na Austrália.	Qualitativo
Cho; Moon; Bounkhong	2019	Um estudo qualitativo sobre motivadores e barreiras que afetam o empreendedorismo entre latinas	Qualitativo
O. Ama, N., T. Mangadi, K., & A. Ama, H.	2014	Explorando os desafios enfrentados pelas mulheres empreendedoras no comércio transfronteiriço informal em Botsuana	Qualitativo
Jamali, D.	2009	Limitações e oportunidades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras nos países em desenvolvimento Uma perspectiva relacional	Qualitativo
Lu, B., Shi, H., & Zhang, L.	2025	Desigualdade de gênero: benefícios para a saúde, gênero e economia do trabalho autônomo na China	Quantitativo
Ayala Mira, M., Obregón Velasco, N., & Figueroa Varela, M. D. R.	(2023).	Narrativas de mulheres mexicanas diante da covid-19: insegurança no trabalho e sobrecarga familiar	Qualitativo
Jones, S., & Nadin, S.	(2025).	Eu gostaria de fazer isso de verdade, mas é realmente assustador: a liminaridade perpétua das mulheres autônomas informais como empreendedoras estigmatizadas	Qualitativo

Fonte: Próprio autor (2025)

DISCUSSÃO

Cluster 1: Risco, Saúde e Seguridade

Benavides et. al (2014), no estudo *Condições de trabalho e saúde na América Central: um inquérito a 12.024 trabalhadores em seis países*. Descreve os resultados gerais da primeira Pesquisa Centro-Americana sobre condições e saúde do trabalho autônomo e trabalho informal. Aborda principalmente as condições em que as atividades são executadas, estrutura física, uso de ferramentas, fatores de risco ocupacionais e a autopercepção de saúde do trabalhador incluindo a saúde mental. O artigo cita trabalhador autônomo e informal não deixando claro a atuação empreendedora ou a figura do empresário.

O estudo recente de Khan et. al (2023), *Trabalho autônomo, doença e o sistema de seguridade social: um estudo qualitativo das experiências de trabalhadores autônomos em Ontário, Canadá*, aborda indivíduos que trabalham por conta própria em vez de trabalhar para terceiros como empregados. Saliencia a diversidade deste arranjo de trabalho pois abrange trabalhadores que podem trabalhar sozinhos, podem ter pequenos negócios com ou sem funcionários, desde ocupações que vão de profissionais altamente remunerados até trabalhadores pouco qualificado. O objetivo foi examinar as experiências destes trabalhadores autônomos sobre como e se são protegidos pelos sistemas de seguridade social pós doenças, lesões e redução ou perda de renda.

A pesquisa *Trabalho “cinco estrelas”? organização e condições de trabalho de entregadores por aplicativos* (Maciel et al, 2023), investiga as principais causas de adoecimento físico e mental dos entregadores por aplicativos. Os principais resultados apontam que este contexto de trabalho é marcado por cobrança por resultados, certo esforço físico, uso acentuado da memória e da atenção, especialmente por conta do trânsito. Visa fomentar a compreensão do contexto de trabalho que dão origem às principais causas de adoecimento físico e mental dos entregadores por aplicativos.

Os estudos analisados evidenciam que os microempreendedores individuais, formais e informais, enfrentam condições de trabalho marcadas por riscos físicos, cognitivos e psicossociais, que afetam diretamente sua saúde e segurança. Indicando que o sofrimento decorre não apenas das condições objetivas, mas também da forma como o trabalho é vivido subjetivamente.

Cluster 2: Precarização do empreendedor e novas formas de trabalho

O estudo *Entre o trabalho formal e o informal: empreendedorismo na Colômbia* de Medina-Zárate (2018), enfoca no trabalho do empreendedor formal e informal colombiano, discutindo o impacto dos regimes neoliberais na precarização do trabalho e a instabilidade vivenciada por estes profissionais. A pesquisa faz comparação entre duas realidades distintas de empreendedorismo discutindo que a precariedade também está presente em vários níveis tanto no trabalho formal quanto no informal, pois, o estudo mostra que em trabalhos formais também há expressões significativas de precariedade. Desta forma a informalidade não está obrigatoriamente relacionada à vulnerabilidade.

Outro estudo que aborda a precarização do trabalho é o de Secco e Kovaleski (2022) denominado *O empreendedor de si mesmo à medicalização da performance: reflexões sobre a flexibilização no mundo do trabalho*, apesar de não abordar apenas o trabalho autônomo, faz um ensaio crítico-reflexivo sobre o uso de medicamentos que melhoram a performance e dão condições ao sujeito de sustentar a imagem de sucesso e de autor de sua própria história buscando alta performance. Incentivado pelas crenças do neoliberalismo que fomentam a individualidade, empreendedor de si mesmo precisa investir para manter-se valorizado e em boas condições para evitar a sua descapitalização.

Eveland e Maclennan (2019) em *Um microempreendedor na economia gig: estudo de caso e implicações para o ensino superior* realizaram uma pesquisa explorando as experiências e os insights de microempreendedores para identificar os desafios enfrentados por *freelancers*, trabalhadores temporários e outros microempreendedores na economia atual da *gig economy*, para os autores há pouquíssima literatura e nenhuma tipologia dos desafios enfrentados especificamente por microempreendedores. Ademais, traz recomendações curriculares e pedagógicas para que o ensino superior atenda melhor a esse setor emergente da força de trabalho possibilitando que as instituições possam criar métodos para capacitar melhor esses trabalhadores. Os resultados apontam que os principais desafios desses trabalhadores é formulação e execução de estratégias, construção de rede de valor, utilização de mentores e negociação de ambiguidades nos negócios.

De maneira análoga, Veen, Barratt e Goods (2020) estudam sobre os trabalhadores de aplicativo da *gig economy* em *Plataforma-Capital's 'Apetite' por Controle: Uma análise do processo de trabalho de entrega de alimentos na Austrália*. O estudo apresenta o contexto dos trabalhadores autônomos de aplicativo, analisando o controle, resistência e exploração do processo de trabalho para desvendar as características dos regimes de controle do capital no segmento de plataforma de entrega de alimentos na Austrália e avalia a agência trabalhista em resposta a essas características.

Han e Wang (2022) fazem uma relevante discussão sobre o discurso neoliberal de incentivo a autonomia, no estudo *Autonomia ou Condições de Trabalho? Pesquisa sobre Heterogeneidade e Mecanismo de Influência do Trabalho Autônomo na Satisfação no Trabalho na China*. Os autores investigam a influência da autonomia e das condições de trabalho na satisfação profissional dos trabalhadores autônomos. Fazendo uma discussão entre o desejo da autonomia pelos empreendedores e as reais condições de trabalho de precarização muitas vezes sem direitos sociais e trabalhistas.

Os estudos reunidos neste cluster evidenciam que, mesmo sob o discurso da autonomia e do empreendedorismo, os microempreendedores inseridos nas novas formas de trabalho enfrentam intensificação da precarização, controle e insegurança.

Cluster 3: Empreendedorismo feminino e gênero

Na pesquisa, *Um estudo qualitativo sobre motivadores e barreiras que afetam o empreendedorismo entre latinas*, os autores Cho, Moon e Bounkhong (2019) exploram motivadores e barreiras na criação de empreendimentos comerciais entre empresárias latinas dos EUA. Os motivadores frequentemente mencionados foram o desejo de ter o próprio negócio, autonomia, renda flexibilidade e autorrealização. Esta revisão se concentra no empreendedorismo feminino, na maioria donas de estabelecimentos comerciais, mas não unicamente nas empreendedoras individuais. Da mesma forma, Jamali (2009) em *Limitações e oportunidades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras nos países em desenvolvimento: Uma perspectiva relacional* aborda o empreendedorismo feminino, mas não apenas as empreendedoras individuais. O objetivo deste artigo foi examinar a interação entre restrições e oportunidades que afetam o empreendedorismo feminino em países em desenvolvimento.

Outro artigo que aborda os desafios e restrições enfrentadas por mulheres empreendedoras é o estudo *Explorando os desafios enfrentados pelas mulheres empreendedoras no comércio transfronteiriço informal em Botsuana* (Ama, Mangadi, Ama, 2014). Com o objetivo de analisar mulheres empreendedoras de Botsuana envolvidas no comércio informal transfronteiriço, mostrou que as mulheres que se envolveram em empreendedorismo ainda que informal conseguiram gerar renda e lucros substanciais para melhorar a vida de suas famílias apesar dos gargalos como registro de empresas, garantias e localização empresarial, que impedem a obtenção de empréstimos financeiros.

Ayala Mira, Obregón Velasco e Figueroa Varela (2023) em *Narrativas de mulheres mexicanas diante da covid-19: insegurança no trabalho e sobrecarga familiar* analisam as narrativas sobre a precariedade laboral e a sobrecarga familiar pós-covid-19 de mulheres do México. Abordam a precarização na perspectiva de gênero tratando da sobrecarga doméstica, a auto exploração no trabalho recorrendo ao micro empreendedorismo para a saúde física e mental.

No estudo recente de Jones e Nadin (2025), *Eu gostaria de fazer isso de verdade, mas é realmente assustador: a liminaridade perpétua das mulheres autônomas informais como empreendedoras estigmatizadas* os autores examinam as experiências vividas por mulheres que trabalham informalmente por conta própria no Reino Unido, explorando sua condição marginalizada e liminar do trabalho autônomo como uma saída direta da pobreza. Aborda a precarização do trabalho informal na perspectiva de gênero e fazem uma crítica à promoção do

trabalho autônomo como solução para a pobreza e defendem a implantação de políticas que reconheçam os desafios enfrentados pelas mulheres que transitam entre o desemprego e o trabalho autônomo formal.

Em outro estudo recente, *Desigualdade de gênero: benefícios para a saúde, gênero e economia do trabalho autônomo na China* de Lu Shi e Zhang (2025), exploram-se os temas saúde, gênero e trabalho autônomo. Aborda a saúde e o bem-estar dos autônomos, que frequentemente enfrentam longas jornadas de trabalho, insegurança no emprego e pouca regulação, observado que a desigualdade de gênero coincide com a redução da participação no trabalho autônomo, o que implica que a mudança para mercados de trabalho mais formalizados criou oportunidades para mulheres garantirem empregos mais estáveis e com melhor remuneração.

Os estudos reunidos neste cluster revelam que o empreendedorismo feminino, especialmente quando associado ao trabalho autônomo informal, é atravessado por experiências de precariedade, sobrecarga e estigmatização. Embora motivadas por autonomia e autorrealização (Cho et al, 2019), muitas mulheres enfrentam barreiras estruturais e culturais que limitam seu reconhecimento e ampliam o sofrimento psíquico (Jones;Nadin, 2025). A articulação entre trabalho e vida doméstica, intensificada no contexto pós-pandemia (Ayala Mira et al., 2023), acentua a autoexploração e a invisibilidade da dimensão subjetiva do trabalho.

Cluster 4: Empreendedorismo jovem

Dawson (2021) examina os fatores que levam os jovens a adotar o empreendedorismo informal, o artigo *Fazendo planos através de pessoas: a implantação social do empreendedorismo informal na África do Sul urbana* cita as relações sociais dos jovens empreendedores informais de um lava jato como espaço para sociabilizar, no entanto possuem condições precárias e uma temporariedade permanente. Destaca a natureza dúbia da socialização dos meios de vida informais, mostrando como essas relações sociais envolvem tanto apoio e reciprocidade quanto desigualdade e intimidação. Em última análise, o artigo desafia o otimismo que cerca o empreendedorismo informal como um caminho para a inclusão social, ao mesmo tempo em apresenta razões que tornam o trabalho autônomo preferível a empregos de baixa renda.

Van et. al (2024) no artigo *Fatores de apoio que contribuem para o sucesso de empresas iniciantes por jovens empreendedores na África do Sul* exploram fatores percebidos como contribuintes para o sucesso de startups na África do Sul. A importância do apoio para o sucesso de startups é o foco deste artigo, aponta que o trabalho autônomo, aclamado como a solução para o desemprego juvenil, é frequentemente motivado pela necessidade, precário por natureza e limitado pela baixa taxa de sucesso de startups.

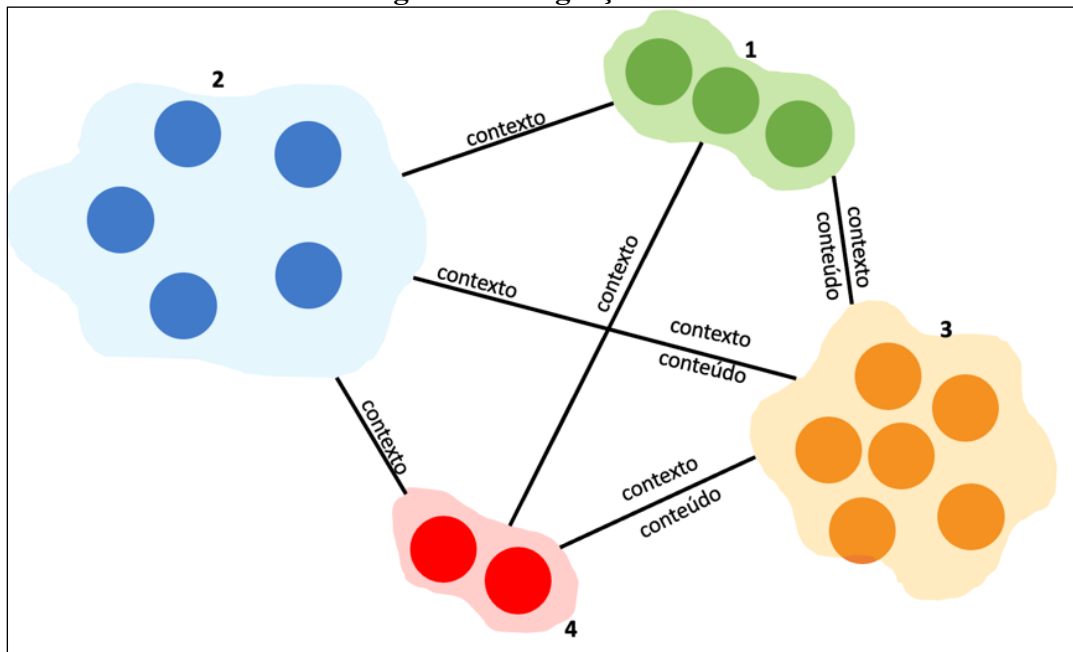
As evidências do cluster sobre empreendedorismo jovem indicam que o trabalho autônomo entre os jovens é frequentemente motivado mais pela necessidade do que por oportunidade, inserido em contextos marcados por precariedade e instabilidade.

ANÁLISE INTEGRADA DOS CLUSTERS E LACUNAS PARA ESTUDOS FUTUROS

Embora não tenhamos evidenciado artigos analisados a luz da PDT, fazemos uma discussão relacionando-os às dimensões da psicodinâmica do trabalho. Desta forma, é possível afirmar que o Cluster 1 (Risco, Saúde e Segurança) se relaciona principalmente com a dimensão do contexto, ao evidenciar riscos ocupacionais, estrutura física e ausência de proteção social. O Cluster 2 (Precarização e Novas Formas de Trabalho) está relacionado à dimensão do contexto, discutindo a lógica neoliberal, a flexibilização, a ausência de garantias e o controle algorítmico. O Cluster 3 (Empreendedorismo Feminino e Gênero) articula as dimensões de contexto e

conteúdo, mas com ênfase na dimensão do contexto e organização do trabalho destas mulheres. Cluster 4 (Empreendedorismo Jovem) também mobiliza elementos da dimensão do contexto, ao destacar a construção simbólica das relações de trabalho (Figura 1).

Figura 1: Integração dos Clusters



Fonte: Próprio autor (2025)

Cluster 1 (Risco, Saúde e Segurança) e Cluster 2 (Precarização e Novas Formas de Trabalho): A ausência de coletivos de trabalho, o enfraquecimento dos vínculos e o deslocamento da responsabilidade para o indivíduo ampliam o sofrimento ético e dificultam o reconhecimento, fundamentais para a sublimação e a construção de prazer no trabalho. Faltam estudos que analisem a subjetividade de trabalhadores autônomos e microempreendedores, formais e informais, à luz das dimensões da PDT. Em especial, investigações que articulem os fatores de riscos ocasionado pela precarização do empreendedor individual e pela cultura de desempenho.

Cluster 1 (Risco, Saúde e Segurança) e Cluster 3 (Empreendedorismo Feminino e Gênero): Ambos revelam contextos de trabalho marcados por precariedade material e psicossocial, mas no caso das mulheres empreendedoras há um agravante estrutural de gênero. Há escassez de estudos que analisem, sob a ótica da PDT, como as mulheres empreendedoras individuais formais e informais enfrentam o sofrimento relacionado à precariedade, especialmente no que tange às estratégias de defesa e à busca por reconhecimento simbólico.

Cluster 1 (Risco, Saúde e Segurança) e Cluster 4 (Empreendedorismo Jovem): Jovens empreendedores inseridos em ambientes precários (Cluster 4) experienciam riscos semelhantes aos relatados em contextos de trabalho informal e autônomo em geral (Cluster 1). Falta aprofundamento em como os jovens microempreendedores elaboram sua relação com o trabalho, especialmente no que se refere à busca de sentido, reconhecimento social e construção de identidade laboral à luz da PDT.

Cluster 2 (Precarização e Novas Formas de Trabalho) e Cluster 3 (Empreendedorismo Feminino e Gênero): Ambos os clusters evidenciam como o discurso neoliberal de autonomia intensifica a responsabilização individual. Para as mulheres, essa lógica se entrelaça com desigualdades de gênero. Há lacuna de estudos que abordam a vivência

subjetiva do sofrimento de mulheres empreendedoras sob o discurso do “empreendedorismo de si”.

Cluster 2 (Precarização e Novas Formas de Trabalho) e Cluster 4 (Empreendedorismo Jovem): Jovens empreendedores, assim como os trabalhadores da gig economy, são frequentemente impulsionados à informalidade por ausência de alternativas formais e pressionados pela ideologia da autossuficiência. Faltam investigações que articulem o sofrimento psíquico de jovens microempreendedores à lógica de desempenho e fracasso do empreendedorismo por necessidade.

Cluster 3 (Empreendedorismo Feminino e Gênero) e Cluster 4 (Empreendedorismo Jovem): Mulheres e jovens são frequentemente incentivados ao empreendedorismo como solução paliativa a falta trabalhos formais e oportunidades, mas enfrentam precarização, estigmas e ausência de políticas públicas eficazes. Sugestão de estudos futuros que analisem comparativamente as estratégias de enfrentamento do sofrimento no trabalho adotadas por mulheres e jovens microempreendedores informais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar as evidências científicas disponíveis sobre as vivências subjetivas de microempreendedores individuais, formais e informais, à luz da Psicodinâmica do Trabalho (PDT). A análise crítica de 16 publicações permitiu a organização dos estudos em quatro eixos temáticos: risco, saúde e segurança; precarização e novas formas de trabalho; empreendedorismo feminino e gênero; e empreendedorismo jovem. Os achados indicam que, apesar do discurso de valorização da autonomia e do empreendedorismo como solução para o desemprego estrutural, o cotidiano dos microempreendedores é marcado por insegurança, ausência de direitos trabalhistas, sobrecarga de responsabilidades, isolamento produtivo e precariedade das condições de trabalho.

Embora os estudos revelem elementos que dialogam com as dimensões do contexto e do conteúdo do trabalho, não foram encontradas produções que articulassem de forma direta os pressupostos da Psicodinâmica do Trabalho com as vivências subjetivas dos microempreendedores individuais. Essa lacuna evidencia um campo para futuras investigações, especialmente aquelas voltadas a compreender os modos de enfrentamento do sofrimento, as estratégias defensivas e busca por reconhecimento.

A principal limitação deste estudo refere-se à escassez de produções que tratem diretamente da relação entre PDT e micro empreendedorismo, o que exigiu reconfiguração das estratégias de busca. Apesar disso, a revisão realizada oferece uma sistematização das publicações sobre o tema, contribuindo para incentivar o debate acerca da subjetividade no trabalho autônomo e da precarização desta forma de trabalho à luz da PDT. Do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa propõe ampliar os limites das abordagens tradicionais sobre empreendedorismo, sob uma análise que considera as dimensões subjetivas do trabalho para a compreensão da realidade dos MEIs.

Uso de IAG nesta Pesquisa

Declaramos uso de inteligência artificial Chat GPT 4o na etapa de definição das *query strings* para a busca nas bases de dados conforme apresentado na metodologia deste estudo (pág. 3), revisão ortográfica (pág. 1 a 12) e resumo submetido.

REFERÊNCIAS

- Araújo, J., & de Freitas, L. G. (2021). Normalidade no trabalho sob o olhar da psicodinâmica do trabalho: uma revisão integrativa: Normality at work from the perspective of work psychodynamics. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 26(4), 370-379.
- Ayala Mira, M., Obregón Velasco, N., & Figueroa Varela, M. D. R. (2023). Mexican women narratives facing Covid-19: Job insecurity and family overload. *Revista Colombiana de Sociología*, 46(1), 69-91.
- Barbosa, A. de S., & Moreira, L. R. (2024). Os dilemas jurídicos para a definição e atuação dos microempreendedores individuais no cenário nacional: uma análise das políticas públicas de fomento ao empreendedorismo no município de franca-sp. *Revista foco*, 17(11), e6551.
- Bardin, L. (2016) *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Benavides, F. G., Wesseling, C., Delclos, G. L., Felknor, S., Pinilla, J., & Rodrigo, F. (2014). Working conditions and health in Central America: a survey of 12 024 workers in six countries. *Occupational and environmental medicine*, 71(7), 459-465.
- Borba, M.C, Ramos, J. E. S., Barros, J. E. M., & Alves, M. D. C. M.(2020) Crescimento de microempreendedores individuais no Brasil e sua relação com a taxa de desemprego brasileiro: Growth of individual microentrepreneurs in Brazil and its relation with the unemployment tax brazilian. *Ciências Sociais Aplicadas em Revista*, 20(39), 183-197.
- BRASIL. Lei Complementar n. 128, de 19 de dezembro de 2008. Altera a Lei Complementar no 123, de 14 de dezembro de 2006, altera as Leis nos 8.212, de 24 de julho de 1991, 8.213, de 24 de julho de 1991, 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, 8.029, de 12 de abril de 1990, e dá outras providências. Brasília-DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp128.htm. Acesso em: 31 mai. 2025.
- Cho, E., Moon, Z. K., & Bounkhong, T. (2019). A qualitative study on motivators and barriers affecting entrepreneurship among Latinas. *Gender in Management: An International Journal*, 34(4), 326-343.
- Dawson, H. J. (2021). “Making plans through people”: the social embeddedness of informal entrepreneurship in urban South Africa. *Social dynamics*, 47(3), 389-402.
- DEJOURS, C. (1993) Contributions of the psychodynamic analysis of work situations to the study of organizational crises. *Industrial & Environmental Crisis Quarterly*, v. 7, n. 2, p. 77-89.
- Dejours, C.; Abdoucheli, E.; Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (1997). O fator humano. São Paulo: FGV. Deranty, J.-P., & Dejours, C. (2010). The Centrality of Work *Critical Horizons*, 11(2), 167–180.
- DEJOURS, C.(2014) Work and self-development: the point of view of the psychodynamics of work. *Critical Horizons*, v. 15, n. 2, p. 115-130.
- Dejours, C. A. (2018). *Loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. 6.ed. São Paulo: Cortez-Oboré.

- Dejours, C. (2023) A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. *Revista portuguesa de psicanálise*, v. 33, n. 2, p. 9-28
- Eveland, T., & MacLennan, H. (2019). A micro-entrepreneur in the gig economy: case study and implications for higher education. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 24(03), 1950016.
- Ercole, F. F., de Melo, L. S., & Alcoforado, C. L. G. C. (2014). Revisão integrativa versus revisão sistemática. *REME-Revista Mineira de Enfermagem*, 18(1).
- Galvão, C. M., Sawada, N. O., & Trevizan, M. A. (2004). Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. *Revista Latino-americana de enfermagem*, 12, 549-556.
- Guimarães, M. B.; Garcia, P. R. C. (2019). Empreendedorismo e inovação: O caso do Microempreendedor Individual (MEI). *Revista de Administração da FACES Journal*, v. 18, n. 1, p. 73-90.
- Oliveira J., Aluizio F.; De Melo Ramalho, K. (2024). Mei-fator de redução da informalidade dos microempreendedores. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 9, p. 435-445.
- Han, Y., & Wang, J. (2022). Autonomy or working conditions?—Research on heterogeneity and influencing mechanism of self-employment on job satisfaction in China. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(1), 282.
- Khan, T. H., MacEachen, E., Premji, S., & Neiterman, E. (2023). Self-employment, illness, and the social security system: a qualitative study of the experiences of solo self-employed workers in Ontario, Canada. *BMC public health*, 23(1), 643.
- Fernandes, V. T. (2024). Configuração do Microempreendedor Individual (MEI) nas relações de trabalho no Brasil (2009-2022): apontamentos para um balanço. *Contribuciones a las ciencias sociales*, 17(7), e8783.
- Franco, M. L. P. B.(2008) *Análise de Conteúdo*. Brasília: Liber Libro.
- Jamali, D. (2009). Constraints and opportunities facing women entrepreneurs in developing countries: A relational perspective. *Gender in management: an international journal*, 24(4), 232-251.
- Jones, S., & Nadin, S. (2025). “I’d like to make a proper go of it but it’s really scary”: the perpetual liminality of informally self-employed women as stigmatized entrepreneurs. *Entrepreneurship & Regional Development*, 37(3-4), 503-520.
- Lancman, S., & Uchida, S. (2003). Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 6, 79-90.
- Lu, B., Shi, H., & Zhang, L. (2025). Gender inequality: health, gender, and economic benefits of self-employment in China. *African Journal of Reproductive Health*, 29(2), 113-121.

- Maciel, M. V., Paiva, L. E. B., de Almeida Araújo, R., & de Lima, T. C. B. (2023). Trabalho “cinco estrelas”? organização e condições de trabalho de entregadores por aplicativos. *Revista Eniac Pesquisa*, 12(1), 138-159.
- Maculan, B. C. M. dos S., Aganette, E. C., Marques, F. B., & Marques, Y. B. (2023). Contribuições do ChatGPT na revisão sistemática de literatura: um estudo de caso. *Cuadernos De Educación Y Desarrollo*, 15(10), 11773–1179
- Martins, J. G. F., Leone, R. J. G., El-Aouar, W. A., de Castro, A. B. C., & de Araujo Atanasio, J. (2020). Análise dos benefícios X desempenho do programa microempreendedor individual no Nordeste do Brasil. *Revista Ciências Administrativas*, 26(1), 1-18.
- Medina-Zárate, J. (2018). Between Formal and Informal Work: Entrepreneurialism in Colombia. *Journal of Urban Ethnography*, 50.
- Ferreira, M. Mendes, A. M.; C.(2008) Contexto de Trabalho. In: M. M. M. SIQUEIRA (Org.). **Medidas do Comportamento Organizacional: Ferramentas de Diagnóstico e Gestão.** Porto Alegre RS: Artmed. p. 111-123.
- Ama, N.O, T. Mangadi, K., & A. Ama, H. (2014). Exploring the challenges facing women entrepreneurs in informal cross-border trade in Botswana. *Gender in Management: An International Journal*, 29(8), 505-522.
- Secco, A. C., & Kovaleski, D. F. (2022). From being entrepreneur of the self to the medicalization of performance: reflections upon labour market flexibilization. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 1911-1918.
- Silva, J. G. F.; Andrade, V. H. M. (2021). Gestão empresarial: um estudo sobre o microempreendedor individual do setor de comércio do município de São Mateus-ES. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, v. 11, n. 2, p. 59-84.
- Van Niekerk, L., Claassens, N., Fish, J., Foiret, C., Franckeiss, J., & Thesnaar, L. (2024). Support factors contributing to successful start-up businesses by young entrepreneurs in South Africa. *Work*, 79(1), 339-350.
- Veen, A., Barratt, T., & Goods, C. (2020). Platform-capital’s ‘app-etite’ for control: A labour process analysis of food-delivery work in Australia. *Work, employment and society*, 34(3), 388-406.
- Wissmann, A. D. M. (2021). Discursos e desconstrução sobre a figura do Microempreendedor Individual (MEI). *Revista PRETEXTO*, v. 22, n. 4, p. 96-106.